

## Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

### **Ego (Eu)**

*Por Valton de Miranda Leitão\**

Falar sobre essa terminologia que é ao mesmo tempo estrutural, tópica e dinâmica em psicanálise é como tornar proveitoso um mau negócio, como diz Bion. Freud disse sabiamente que o Ego não é amo em sua própria casa, pois está sujeito a uma sistemática interação metaforicamente comparável àquela entre prótons, nêutrons e elétrons.

Se o Ego nasce do Id tal como o Superego, naturalmente, decorre que, mente e consciente não podem coincidir. O ego é presença e ausência, criação e negação, supressão e apresentação como Freud mostrou em *A Negativa*. A partir desse ponto é possível perceber a inefável presença do método dialético hegeliano.

O Eu é uma ilusão necessária que somente adquire alguma realidade quando sujeito e objeto interagem, enquanto o Ego que lhe é conexo não pode existir sem o Id e o Superego. A sofisticação da palavra latina pode levar ao esnobismo de uma discussão hermenêutica e especulativa. Essa construção conceitual que Freud denominou *Das Ich* para dar-lhe um sentido de movimento somente ganha a possibilidade da dimensão humana do Ser quando sujeito e objeto inter-atuam.

O Ser por seu turno acontece na dimensão do espaço e do tempo como continuidade e falta, dentro de uma dialeticidade ao mesmo tempo histórica, cultural e intersubjetiva.

Desde Heráclito na Grécia Clássica, que o Ser somente surge na fluidez do movimento da água. O *self* psicanalítico não ocupa um lugar na mente ou no cérebro, mas é um movimento assombrado no qual a identidade aparece e desaparece quando dormimos e acordamos. Assim, o Ser psicanalítico não se apresenta como em Parmênides “todo ser é, todo não ser, não é”, pois isso é antedialético. Tampouco, é transcendente, pois acontece no âmbito do sofrimento humano e da contradição pulsional de vida e morte. O irrepresentável é a morte, pois o animal que antecipa o símbolo no gesto e na mímica, já aponta para a dialética entre zoe e bios, mundo animal e mundo político.

O Eu é uma pré-concepção que somente adquire realidade na presença-ausência da mãe universo, pois o si mesmo é um conceito que aparece e desaparece,

construído na simbolização. Klein mostrou isso sobejamente, enquanto Winnicott afirmou que o trânsito para o Eu da criancinha está nessa relação entre ilusão e desilusão.

O Eu é também uma busca que filósofos como Fichte e Husserl tentaram conceituar como intenção dirigida a um outro, mas isso reduz sua compreensão à consciência. Lacan distingue entre o Je (Eu) alienado e Moi que acontece na aceitação da falta e da castração. Fazer conexões entre essas diversas visões constitui a tarefa de encontrar os múltiplos vértices integrantes da personalidade. O trabalho dialético que junta afeto e representação numa tese negada por uma antítese é algo que somente a síntese egóica momentânea da análise pode compor.

O espaço no qual os vínculos intersubjetivos atuam, se faz na relação transferencial, onde a metáfora aparece transportada pela linguagem que o discurso comunica.

\* Valton de Miranda Leitão é psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza.